



**LEONARDO
BOFF**

**TERRA
MADURA**

**UMA TEOLOGIA
DA VIDA**

 **Planeta**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

**LEONARDO
BOFF**

**TERRA
MADURA**

**UMA TEOLOGIA
DA VIDA**



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Leonardo Boff, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

Edição de texto: André de Oliveira
Preparação: Caroline Silva
Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Valquíria Matioli
Projeto gráfico e diagramação: Nine Editorial
Capa: Filipa Damião Pinto | Estúdio Foresti Design
Todas as citações bíblicas nesta edição são da Bíblia Ave Maria.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Boff, Leonardo

Terra madura: uma teologia da vida / Leonardo Boff. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

160 p.

ISBN 978-85-422-2465-8

1. Filosofia 2. Ética política 3. Ecologia 4. Espiritualidade I. Título

23-5831

CDD 100

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Sumário

| | |
|----------|---|
| PREFÁCIO | 7 |
|----------|---|

PRIMEIRA PARTE: ÉTICA POLÍTICA

| | |
|--|----|
| 1 O complexo “deus” da modernidade | 12 |
| 2 Pode a espécie humana desaparecer da face da Terra? | 17 |
| 3 A voracidade do capitalismo trouxe a covid-19 | 23 |
| 4 “Comer o mundo” ou salvar o mundo? | 27 |
| 5 Água: fonte de vida ou fonte de lucro? | 32 |
| 6 Cuidar do bem-estar do povo e dos pobres | 38 |
| 7 A fome como desafio ético e espiritual | 43 |
| 8 O real nome da América Latina: Abya Yala (“terra madura”) | 47 |
| 9 A nova fase da Terra e da humanidade: a planetização | 52 |

SEGUNDA PARTE: ECOLOGIA INTEGRAL

| | |
|---|----|
| 10 O relógio da Terra e o surgimento do humano | 60 |
| 11 A Terra e a natureza, sujeitos de direitos..... | 63 |
| 12 A sobrecarga da Terra: todos os sinais entraram no vermelho..... | 72 |
| 13 Questão de vida ou morte: que tipo de Terra queremos? | 77 |
| 14 Ainda somos capazes de salvar a vida e salvaguardar a Terra? | 81 |
| 15 Adoecemos a Terra e a Terra nos adoce..... | 87 |
| 16 A vida em sua diversidade como culminância da evolução ... | 91 |
| 17 Francisco de Assis, ícone ecológico de uma fraternidade universal | 95 |

TERCEIRA PARTE: A VIDA DO ESPÍRITO

| | |
|--|-----|
| 18 A redescoberta da centralidade da vida | 102 |
| 19 Uma espiritualidade ecológica regida pela vida do espírito ... | 107 |
| 20 A crucificação de vidas de ontem continua hoje..... | 112 |
| 21 A ressurreição como insurreição: o verdugo não triunfa sobre a vítima..... | 117 |
| 22 O espírito de vida se confronta com o espírito de morte | 123 |
| 23 A atualidade da mais sagrada das virtudes: a compaixão | 129 |
| 24 Não basta ser bom, há que ser misericordioso | 133 |
| 25 O nome de Deus | 139 |
| 26 Consolo divino para o desamparo humano: “eu irei contigo”..... | 143 |

CONCLUSÃO..... 146

NOTAS..... 148

OUTROS LIVROS DO AUTOR..... 152

1

O complexo “deus” da modernidade

A crise atual, agravada pela intrusão do coronavírus em 2019, não é apenas pela escassez crescente de recursos e de serviços naturais. É fundamentalmente a crise de um tipo de civilização que, seguindo o pensamento de Descartes, colocou o ser humano como “senhor e dono” da natureza sem sentir-se parte dela. Esta, para ele, é sem espírito e sem propósito e por isso está à nossa disposição.

Para o fundador do paradigma moderno da tecnologia, Francis Bacon, “cabe ao ser humano torturar a natureza, como o fazem os esbirros da Inquisição, até que ela entregue todos os seus segredos”. Desse pensamento, derivou-se uma relação de agressão e de verdadeira guerra contra a natureza “selvagem” que devia ser dominada e “civilizada”. Surgiu também a projeção arrogante do

ser humano como o “deus menor” que tudo domina e organiza através da ciência, da tecnologia, que hoje inclui a nanotecnologia e a inteligência artificial.

Devemos reconhecer aqui que não foram só filósofos entusiastas do engenho humano que disseminaram essa visão de mundo, mas que o próprio cristianismo ajudou a legitimá-la e reforçá-la. O Gênesis diz claramente: “enchei a Terra e submetei-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra” (Gn 1,28). Antes disso, afirma que o ser humano foi feito à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26).

A interpretação que se deu a esse texto é: o ser humano é lugar-tenente de Deus. Como este é o Senhor do universo, o ser humano é o senhor da Terra. Ele goza de uma dignidade que é só dele: a de estar acima dos demais seres. Daí se gerou o antropocentrismo, que é uma das causas da crise ecológica que vivemos.

Por fim, no sentido dominante, o estrito monoteísmo ainda retirou o caráter sagrado de todas as coisas e o concentrou só em Deus. Passou a se interpretar que o mundo, não possuindo nada de sagrado, não precisa ser respeitado. Está ao nosso dispor moldá-lo ao nosso bel-prazer.

Assim, a moderna civilização da tecnociência, que surgiu no século XIX, encheu todos os espaços com seus aparatos e penetrou no coração da matéria, da vida e do universo. Tudo passou a ser envolto pela aura do “progresso”, visto como uma espécie de resgate do

paraíso das delícias, outrora perdido, mas reconstruído pelo homem e oferecido a todos aos que a ele tivessem acesso possível, ou seja, os ricos e poderosos.

Essa visão gloriosa e idílica do “progresso” começou a ruir no século XX com as duas guerras mundiais e as coloniais que vitimaram 200 milhões de pessoas. Quando se perpetrou o maior ato terrorista da história – as bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki pelo Exército norte-americano –, que matou milhares de pessoas e devastou a natureza, a humanidade levou um susto do qual não se refez até hoje. À época, o filósofo francês Jean-Paul Sartre, desolado, constatou: o ser humano se assenhoreou da própria morte.

Com as armas atômicas, biológicas e químicas construídas posteriormente, ficou claro que não precisamos de Deus para concretizar o Apocalipse. Construímos o princípio da autodestruição, que hoje se esconde atrás do pensamento TINA (*there is no alternative*) neoliberal: “Não há alternativa; este mundo é definitivo”. Ridículo. Hoje, demo-nos conta de que “o saber como poder”, de Bacon, quando feito sem consciência e sem limites éticos, pode nos levar ao fim. A covid-19 só veio confirmar isso, tornando ineficaz o arsenal de armas de destruição em massa. Elas não atingem o vírus que, intrépido, ataca a inteira humanidade.

Não somos Deus, e querer ser Deus nos leva à loucura. A ideia do homem como “deus”, vendida pelo “progresso”, transformou-se num pesadelo aterrador.

Que poder temos sobre a natureza? Quem domina um tsunâmi? Quem controla o vulcão chileno Puyehue? Quem freia a fúria das enchentes nas cidades serranas do Rio de Janeiro? Quem impede o efeito letal das partículas atômicas do urânio, do céσιο e de outras liberadas pelas catástrofes de Chernobyl e de Fukushima? Como disse Heidegger em sua última entrevista ao jornal alemão *Der Spiegel*: “só um deus pode salvar-nos”.¹

Temos que nos aceitar como simples criaturas junto com todas as demais da comunidade da vida. Temos a mesma origem comum: o pó da Terra. Não somos a coroa da criação, mas um elo da corrente da vida. Por isso, a interpretação mais correta do Gênesis, segundo a melhor exegese, vai no sentido geral do relato da escritura: o ser humano como cuidador e guardador do Jardim do Éden, e não como seu dominador (Gn 2,15). Nossa missão deve ser a de manter as condições de sustentabilidade de todos os ecossistemas.

Se partimos da Bíblia para legitimar a dominação da Terra, temos que voltar a ela para aprender a respeitá-la e a cuidá-la. A Terra gerou a todos. Deus ordenou: “Produza a terra seres vivos segundo a sua espécie” (Gn 1,24). Ela, portanto, não é inerte; é geradora e é mãe.

A aliança de Deus não é apenas com os seres humanos. Depois do grande dilúvio, Deus fez a aliança com a nossa descendência e com todos os seres vivos que nos cercam (Gn 9,12). Sem eles, somos uma família desfalcada.

A história mostra que a arrogância de querer “ser Deus”, sem nunca o poder de fato, só nos trouxe desgraças. Basta-nos ser simples criaturas, confraternizadas com as outras, mas com a missão de respeitar e cuidar da Mãe Terra. Esse é o nosso lugar no conjunto dos seres, e essa é a nossa nobre missão, exigida pelo universo e querida pelo Criador de todas as coisas.

